

Rua da Lama: espaço de entretenimento e celebração em Nova Iguaçu¹

Natália ROCHA²

Cíntia Sanmartin FERNANDES³

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A Baixada Fluminense abriga cerca de um terço da população do Estado do Rio de Janeiro e como todos os locais de nosso país possui uma multiplicidade de gostos, costumes, cores e sons. Apesar deste número significativo de moradores, o local ainda é tratado como periferia e tem destaque mais pelas marcas de violência e carência do que pelas marcas culturais. E mesmo quando a ênfase é a cultura percebe-se uma busca do que seria “tradicional” e “puro” na região em detrimento das pequenas celebrações do cotidiano. O intuito deste artigo é apresentar, ainda que em fase prematura, a *Rua da Lama*, um lugar de celebração situado em Nova Iguaçu, o município mais populoso da Baixada. Um lugar onde a festa e suas implicações comunicativas acontecem em torno da música e da comida.

Palavras-chave: comunicação; entretenimento; cultura; cidade.

Introdução

Eu bebo champanhe, quem não gosta de luxo?
Vida de glamour é tudo de bom!
Trato no cabelo, look de arrasar
Preciso de pouco para me completar

Churrasco família, tomando cerveja
#partiu balada, (Hey) a noite inteira (Hey)
Com jeito simples e pé no chão

Isso é que é ser rica, eu sou Gaby Ostentação

Sou Ricaa (tô ostentando alegria)
Gostosa (do tipo maravilhosa)
Me escuta (sente a pressão)

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Comunicação Social da UERJ, email: natyndrade@hotmail.com

³ Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Doutora em Sociologia Política (UFSC), cintia@lagoadaconceicao.com.

A felicidade não se compra com cartão
(*Gaby Ostentação, Gaby Amarantos*)

Basta um olhar mais atento aos nossos produtos culturais para vislumbrar uma oposição entre aquilo que parece ser a sina dos mais abastados e o *ethos*, ou talvez compensação, dos mais desfavorecidos economicamente. Uma equação que revela ser o dinheiro equivalente a uma vida social repleta de competições e falsidades enquanto a falta deste o indicador de uma vida rica em afetos, do *viver com* sem interesses outros que não a “socialidade” expressa por Maffesoli (1998). Estas imagens que captam e ao mesmo tempo nos ajudam a construir o real são retiradas de um imaginário que não cabe mais nos grandes determinismos aos quais nos lançou a modernidade. Falo de classes sociais e de oposições entre o rico e o pobre.

Ao realizar um mapeamento dos estudos sobre os pobres nas Ciências Sociais brasileiras, Sarti (2005) observa que pobre é sempre o “outro”, ora glorificado, ora desqualificado, situado em uma cultura autônoma, subordinada a um sistema mais amplo. Um “outro” sobre o qual pouco se sabe, embora muito se fale. Bastante parecido com o *índio didático* exposto por Rocha (2003) que apresenta três “tipos” de representação, de acordo com a cena histórica em questão: ora como selvagem, de costumes bárbaros, ora como criatura inocente, ora como herói. Segundo Rocha: “Aqueles que são diferentes de nós, por não falarem de si, são representados sempre através de uma ótica que responde às necessidades de nossa própria identidade construída de contrastes e semelhanças” (ROCHA, 2003, p.55).

Sendo assim, o discurso da alteridade deve superar o desafio de pensar o outro a partir de uma lógica dada, para permitir entendê-lo em suas especificidades e contradições. Quando a FGV criou em 2008 a categoria social “nova classe média”, o fez com base em um critério puramente econômico, correspondendo ao modo como as classes sociais são definidas no país⁴. Mas tal fato gerou ampla repercussão no jornalismo televisivo e impresso, o primeiro celebrando o consumo e o segundo evidenciando as “carências” da “nova classe média brasileira”. Observando analiticamente, o que se percebe é uma tentativa de enquadramento, de definir quem somos “nós” e quem são “eles”, que ultrapassa a questão econômica para entrar no terreno dos comportamentos e valores.

⁴ Sobre o Critério de Classificação econômica Brasil, consultar: ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa <<[http:// www.abep.org](http://www.abep.org)>>

Essa reverberação motivou academicamente novo debate sobre a questão das classes sociais, buscando compreender quais hierarquias se impõem além dos ganhos materiais. Marx, Bourdieu, Weber figuram na lista dos mais citados neste esforço de reposicionar as classes sociais no Brasil. Mas um pequeno estudo de campo, com observação participante, revelou que a definição em termos de classe não foi suficiente pra abranger os laços sociais que nos une na contemporaneidade. Na pesquisa realizada em Nilópolis, na Baixada Fluminense⁵, com um grupo de pessoas que se enquadrariam na nova categoria foi possível observar a dificuldade em responder as perguntas: Quantas classes sociais existem no Brasil? A qual classe social você pertence? (ROCHA, 2013)

Estas entrevistas revelaram que há uma diferenciação reconhecida entre ricos e pobres, sendo o rico o que gasta sem preocupação e pobre aquele que “tem que fazer contas”. Junto a estas classificações são acionadas imagens da frieza dos ricos em um ambiente cheio de arrogância, ganância e toda sorte de sentimentos aliados ao individualismo contraposto ao calor do viver gregário e afetivo dos pobres. E para reforçar a importância da ligação com o grupo, para os entrevistados, “ser alguém na vida” está além dos ganhos econômicos, mas possui relação com o lugar afetivo da pessoa no grupo, com o reconhecimento pelos favores prestados, pelas qualidades pessoais, pela abertura à solidariedade, pelo estar junto, conforme demonstra o depoimento abaixo:

É ser uma pessoa melhor, dar o seu melhor pro outro, é você fazer o outro feliz, muitas das vezes você esquecer um pouco de você mesmo olhar em sua volta e tentar ajudar o outro, o seu próximo, isso pra mim é ser alguém, alguém melhor, alguém que ajuda, que se doa. (ROCHA, 2013, p.87)

Imagem semelhante é encontrada na música de Gaby Amarantos supracitada, uma ostentação que ultrapassa, mas não elimina, o fator econômico, uma vez que “vida de glamour é tudo de bom”, mas “a felicidade não se compra com cartão”. Estas imagens, que na prática social apresentam uma série de contradições, permitem identificações que são forjadas diariamente nos atos comunicativos que os atores desempenham na cidade. São estes tensionamentos de contradições construídas – ter dinheiro ou ter amigos verdadeiros – possibilitados por uma razão que opera além das dicotomias e engloba uma dimensão sensível que possibilita o nascimento de novas formas a partir dos fragmentos do caos ilimitado que configura nosso tempo (MAFFESOLI, 2003). Para entender o imaginário que

⁵ De acordo com a CEPERJ - Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro, sob o enfoque político-institucional a Região da Baixada Fluminense é composta pelos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica

permite a formação de imagens sobre diferenças sociais e entender na prática quais ligações são operadas nas identificações faz-se necessário ver de perto, realizar uma cartografia que permita acessar a cultura em seu aspecto mais interessante, no momento em que acontecem as apropriações, em que se tecem os códigos, os imaginários e as representações.

É no enfretamento do cotidiano que percebemos o momento em que a comunicação cumpre seu papel fundamental de ligar, ou re-ligar o indivíduo à sociedade e ao mundo (FERNANDES, 2008). É este o momento de construção, de desconstrução e reconstrução das imagens que perpassam a vida social e servem para nos identificar e intermediar as relações que estabelecemos com o “outro”, com o macro e o microcosmo. Esta aproximação sugere um movimento contrário ao pensamento do “sempre fora assim”, que procura legitimar fatos socioculturais marcados no tempo pela sua generalização através da história. Conforme demonstra Homi Bhabha (1998), é preciso contestar as “grandes narrativas” através das pequenas e contraditórias “contra-narrativas” das minorias.

Embora a *polifonia* (BAKHTIN, 2002) de nossa sociedade exija este tipo de abertura, do olhar livre de pré-conceitos, ainda é uma prática diária comum na mídia o discurso monolítico, conforme aconteceu com a “nova classe média brasileira”. Resumindo em quatro palavras esta categoria generalizante foi reduzida aos adjetivos: exagerados, extravagantes, hedonistas e consumistas. Uma *Pobreza da Moralidade* evocada por Miller (2004) traçando um paralelo com a *Pobreza da Teoria* de Thompson (1978), ambas fundamentadas pela falta de um mergulho no mundo capaz de abrir o pensamento a novas formas. Porém, não obstante o estudo do cotidiano tenha entrado na ordem do dia das pesquisas sociais, as universidades continuam repletas de amantes das teorias generalizantes, que relegam o cotidiano a uma instância de baixo valor para a reflexão do social. Como afirmou a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), é preciso escapar do “perigo de uma história única”.

Esse exercício “desviante” pode se dar a partir das pistas epistemológicas apresentadas por Maffesoli (1998), o qual nos convida a refletir sobre a saturação do imaginário social moderno, pois este não abarcou o politeísmo de valores que sedimenta a vida na banalidade do fazer diário. O que sugerimos é uma análise que não desconsidera os indicadores econômicos, mas que se embasa nas práticas vividas do e no dia a dia. Assim, elevamos o cotidiano, as interações socioculturais nele praticadas, como o impulso primeiro para se refletir as dinâmicas do espaço social das cidades. Implica, portanto, exercitar uma análise compreensiva que parte do fenômeno para explicar a sociabilidade contemporânea.

Nesse sentido, propomos pensar a atualidade a partir de teorias que abarquem o sentido sensível da sociedade.

Desse modo, buscamos compreender o social pelas interações e contradições da vida rotineira, em que, de acordo com Santos (2008) se faz necessário regressar aos lugares cotidianos considerando todas as relações e práticas sensíveis e inteligíveis que o fazem ser, ou seja: os objetos, as ações, a técnica e o tempo. Essas práticas, enquanto “artes do fazer” cotidiano (CERTEAU, 2005), podem ser apreendidas em diversos lugares da cidade. Cidade que aqui é tratada como espaço comunicacional-interacional, vivificado nas dinâmicas socioculturais-ambientais comunicantes de diversas identidades, diversos modos de presença, diversos gostos, diversas significações tanto da arquitetura urbana quanto dos indivíduos que convivem e interatuam nelas e com elas.

O presente artigo indica a possibilidade do deslocamento da compreensão social para além da funcionalidade, e das fixações identitárias apriorística, sugerindo que as experiências interativas entre indivíduos (considerando aqui os objetos) originam relações semi-simbólicas, ou seja, relações fluidas constituídas em situação que possibilitam um percurso de construção do sentido aberto, resultando num constante vir-a-ser, contrariando as posições tautológicas a respeito da conformação essencialmente simbólica. O pressuposto é de que o existencial realiza-se pelos modos de presença que interatuam com o estético, o estésico e o funcional.

Assim as qualidades e suas significâncias conformadoras das estéticas-relacionais - considerando-se o corpo, a cidade (arquitetura e ambiente), e suas interações sensíveis - conduzirão a abordagem do “olhar comprometido” do sentido construído em ato (LANDOWSKI, 2005, 2002). Essa escolha analítica se debruça sobre uma perspectiva compreensiva do cotidiano das urbes, que considera a sensibilidade e a inteligibilidade no processo de enunciação dos locais dos espaços urbanos sem excluir as redes “imateriais” da cibercultura (SÁ, 2011).

Rua da Lama, um “hauts lieux” na Baixada Fluminense

Segundo os dados do censo realizado em 2010 pelo IBGE, a Baixada Fluminense possui mais de 3,5 milhões de habitantes, o que corresponde a 22,84% da população do Estado do Rio de Janeiro. Todavia, apesar do número significativo de pessoas, a Baixada possui uma condição de periferia em todos os aspectos: social, cultural e econômico. Mas

conforme demonstrou Livia Barbosa (1998) os intelectuais brasileiros, tais como os jornalistas, os literatos, os sociólogos, os cientistas políticos, entre outros, preferem estudar a questão da identidade nacional através das dimensões institucional e formal, em detrimento da dimensão cotidiana. De modo que são privilegiadas as dicotomias moderno/tradicional, urbano/rural, desenvolvido/subdesenvolvido para explicar o país. Mas uma breve aproximação com os espaços de *socialidade* servem para romper com a dicotomia centro/periferia, mostrando que a Baixada é mais do que uma região periférica.

Enne (2004), ao analisar as representações da Baixada Fluminense em jornais cariocas, observou que a imagem de uma “terra sem lei” dominante nas décadas de 70 e 80, é atenuada a partir da década de 90. Momento em que, segundo a autora, devido à percepção da região como potencial mercado consumidor, os jornais buscaram retratar o estigma da violência, mostrando sua face cultural. Após a virada do milênio, esta busca de aproximação com a Baixada Fluminense e de melhores modos de representá-la se intensificou, principalmente depois da divulgação de uma “nova classe média” que era maioria na região. A *Rede Globo*, por exemplo, inaugurou em 2011 o canal de TV 30 UHF em Nova Iguaçu, além de projetar e promover o evento Réveillon da Baixada⁶. No entanto, é importante salientar que os estudos sobre a região privilegiam os aspectos políticos, a questão da violência e das precárias condições de saúde, educação, saneamento, moradia e infraestrutura urbana (ALVES, 2003). Basta uma breve pesquisa em bancos de artigos e teses para constatar que há um número irrisório de estudos culturais e de sociabilidade sobre a Baixada Fluminense.

Mas, para além de um território vazio destinado à violência, a Baixada Fluminense é um centro de efervescência cultural para seus moradores. Possui espaços que permitem a ligação em torno da música e da comida, que reúnem várias tribos no sentido maffesoliano (tribos que não são fixas e permitem transitoriedade entre os membros) num caos que repermite a criação ou reformulação dos sentidos da vida e dos modos de vivê-la. E as ruas da cidade são lugares privilegiados para compreender a cultura como dinâmica, viva e eficaz na construção e disseminação de imaginários e representação. Lugares por excelência para observar a cultura em processo e a negociação das identidades.

Conforme ressalta Maia (2005, p.78), ao abordar a importância da “razão sensível” para entender a cidade partilhada, é nas pequenas celebrações diárias que “o sentimento de pertença local se afirma diante de signos globais”. Maia lembra que para Maffesoli alguns

⁶ Projeto realizado em parceria entre a Globo Rio, a Central Única das Favelas e as prefeituras dos municípios da região, oficializado em setembro de 2009. O primeiro município eleito para a festa de virada do ano foi Nova Iguaçu

lugares são como “hauts lieux”, possuem um “espírito” capaz de atrair e aglutinar as pessoas. Nesses lugares de intensa celebração são inscritas as micro-histórias que não devemos mais desprezar. Os “altos lugares”⁷, assim, representam o espaço da sociabilidade por excelência, são fortalecidos e sedimentados pelos sentimentos comuns e por uma forma de expressão também comum aos que os fazem, espaços da “comunicação-comunhão”. Deste modo, as “portas e as pontes”⁸ (SIMMEL, 1983) servem como metáfora das conexões sócio-políticas culturais que vão tecendo a rede interpessoal na cidade, uma rede na qual a dimensão estética do viver, o compartilhar de sentimentos, emoções e paixões comuns, ganha relevância na constituição da potência comunal, ou dos espaços mediativos, comunicativos que rompem com o estabelecido e com toda estratégia pública de ordenação dos espaços e de poder territorial (FERNANDES, 2010).

Ao pensarmos que lugares são estes no Rio de Janeiro é fácil lembrar-se dos cartões postais, dos encantos da Lapa e de Copacabana. Existiriam “alto lugares” na Baixada Fluminense?

Em Nova Iguaçu, o segundo município mais populoso da Baixada Fluminense (IBGE, 2010), com aproximadamente oitocentos mil moradores, encontramos a *Rua da Lama*, que funciona como ponto de encontro noturno de diversas tribos, gostos e estilos. É uma espécie de mini *Lapa na Baixada*, onde, em torno da música e da comida, é possível observar moradores de vários municípios da região em seu momento de lazer e sociabilidade. Através do consumo, das conversas, da moda, das interações, enfim, do processo comunicativo, é possível apreender os imaginários e as representações que delineiam sua identidade. Concentrando pessoas de diversas cidades, a *Rua da Lama* é um espaço de

⁷ A expressão "altos lugares" surge em uma conferência de 1919 em que Max Weber (1959) provoca seus ouvintes a "comportarem-se à altura do cotidiano", pois somente desta forma seriam "capazes de encarar o severo destino de seu tempo". A expressão "à altura", presente em muitas línguas com o significado de "no mesmo nível que", permanece atual e ao mesmo tempo é arcaica, pois seu significado de origem remete aos poderes divinos e aos poderosos terrenos, à verticalização do espaço em lugares altos e lugares baixos. Conforme Tacussel (2003), Maffesoli ao longo de sua trajetória investigativa responde a este desafio de Weber. Em seus estudos inverte o significado tradicional de "alto" e exalta-o na condição do que é pequeno, cotidiano, popular. Na vontade de compreender a realidade humana nas dobras, no mosaico de culturas, nos comportamentos eventualmente percebidos como frívolos, em suma, da vida contínua e cotidiana - cujas formas parecem jogar ao mesmo tempo com reminiscências arcaicas e repentinas inovações - Maffesoli procura elevar aquilo de mais banal, o prosaico mesmo da vida, às relações de base ancoradas em experiências sensíveis em que o corpo (carne/espírito) manifesta-se como potência interativa.

⁸ Georg Simmel (1983) sublinha a ambivalência da natureza urbana simbolizada pela ponte e pela porta que podem tanto abrir como fechar, unir/ligar como separar, promovendo uma dinâmica que, contendo estética, une uma série de emoções e afetos correlatos a esta *vie des nerfs*. A dupla função destas influencia na dinâmica dos "nervos" (no duplo sentido) urbanos, pois, ao mesmo tempo em que uma "porta" pode abrir, ela delimita o espaço das relações e interações sociais; o mesmo ocorre com a "ponte", pois ao mesmo tempo em que ela liga, proporcionando a identificação, ela separa, segrega, definindo os "lugares de cada um". As relações proporcionadas pela "porta" e pela permitem tanto a emergência de novas formas de se relacionar socialmente nas grandes "ponte" cidades como o compartilhar social de emoções e afetos (estética) relativos ao corpo social, em que a metáfora é empregada para representar as veias e artérias da pulsação cotidiana da cidade.

celebração, de fuga da rotina de trabalho, de confirmação da pertença, de negociação das identidades, de composição da cultura. E esta união em torno dos espaços musicais reafirma que os locais outrora relacionados à violência, são locais de festa. Nesse sentido, seguimos em direção ao que Hershmann e Fernandes (2012, 2014) vêm denominando de “territorialidades sônico-musicais”, ou seja, espaços que se transmutam, que se ressignificam a partir de experiências e interações sônico-musicais.

Perguntados sobre pontos de encontro na Baixada Fluminense à noite⁹, 25 de 30 moradores das cidades de Mesquita, Nilópolis e Nova Iguaçu citaram a *Rua da Lama*, os cinco restantes conhecem, mas preferem não frequentar o lugar por considerar um “lugar da ralé”. É interessante notar, ainda que de forma frágil, estas diferenças que se interpõem entre moradores de uma mesma região, os que disseram não frequentar a *Rua da Lama* buscam entretenimento em locais fora da Baixada. Alguns depoimentos retirados das Redes Sociais na Internet, inclusive uma página não oficial do *Facebook*¹⁰ com aproximadamente 20 mil visitas, reiteram a importância e a diversidade do lugar. Evidente que a pesquisa de campo será capaz de aprofundar o significado cultural e social do território e as práticas comunicativas que nele se encontram, mas este voo rasante (mais ainda por causa da pouca divulgação em plataformas digitais) permite ter um aperitivo (já falando em termos culinários) do que se vai encontrar *in loco*.

“e tuuuddoooo de bom as baianas, churrasquinho do jorge , FRACTAL, rei da picanha e nuito bom adoro hj to indo pra La”

Facebook, há 2 meses

“aki é o palco de tudo e massa aki amo esse lugar veyy.....”

Facebook, há 2 meses

“Our Bangladesh”

Facebook, há 6 meses

“Bares e casas noturnas bacanas para todos os gostos, desde música ao vivo e mto bem tocada até um irritante funk em altíssimo volume. Escolha e divirta-se!”

Portal de busca *Foursquare*, há 2 anos

“Uma rua, mts bares e muita gente. há uma variedade de bares para agradar aos diversos paladares. Lugar agradável. Me lembra a Lapa - uma "Lapa" da Baixada. Menor, mas mt boa.”

Portal de busca *Kekanto*, há 6 meses

⁹ Pesquisa informal realizada para averiguar quais locais seriam interessantes para a pesquisa de campo

¹⁰ Segundo análise de dados da ferramenta *Hitwise* do *Serasa Experian*, o *Facebook* é a Rede Social mais utilizada no Brasil com cerca de 80 milhões de usuários.

Na página não oficial do *Facebook*, bem como nas diversas páginas de bares que compõem o famoso *point* encontram-se diversas fotografias acompanhadas destas pequenas avaliações de afirmação do valor gregário, da união de estilos que a *Rua da Lama* proporciona. As fotos e pequenos vídeos de casais, amigos e famílias à mesa ou de músicos do local são sempre acrescidas de títulos com de declarações de amor e exaltação dos encontros tais como “ao vivo rua da lama com meu amor!!!”; “A Amizade é Tudo...”; “Enfim conheci Vc minha linda” ; “Barzin com amigos amo muito”; “Sábado maravilhoso com eles não tem preço!!!”; “Eu e meu amor curtindo”, “Bom estava em casa tava chato amigo me chamou eu vim hahaaha”.

São declarações que evidenciam o querer estar juntos a toa, a ética da estética evocada por Maffesoli (2009). Estas pessoas podem em algum momento ser classificadas como “ralé” ou não possuidoras de um “capital social”, ou “consciência de classe”, coisas deste tipo que voltaram ao centro do debate com a questão da “nova classe média brasileira”. Elas vivem um hedonismo, mas que para ser esclarecedor precisa romper a barreira do moralismo. Hedonismo coletivo da busca do prazer, da substituição do ótico pelo tátil. Estar neste espaço é buscar um novo tempo, que não o tempo linear e objetivo para o qual se estabelece prioridades e metas, o valor está na “função de ligação”. “Cabarés, bares, cafés e outros espaços públicos são “regiões abertas”, ou seja, lugares onde é possível dirigir-se aos outros e, nesse sentido, dirigir-se a alteridade em geral” (MAFFESOLI, 2009, p. 87).

Abaixo seguem trechos de duas postagens¹¹ retiradas de blogs. Os três primeiros trechos destacados são de um *post* que trazia em seu texto o título “A Boêmia da Baixada”, cujo conteúdo mais uma vez ratifica a diversidade que a Rua da Lama e sua importância como ponto de encontro na Baixada Fluminense, principalmente Nova Iguaçu. O autor também fala do lucro proporcionado aos vendedores da região e dos incômodos com a presença do público GLS e com o som alto.

Denominada assim por ser um lugar de fim de noite, a Rua da Lama é um dos principais points da Baixada. Na fronteira do Centro com o bairro Califórnia, o lugar oferece diversão para todas as tribos: churrascarias, pizzarias, bares, restaurantes, choperias, boates... A variedade de opções termina se refletindo nos seus frequentadores, onde podemos encontrar de pais de família com a cabeça grisalha a jovens funkeiros.

Sérgio Rodrigo, estudante, e franelinha do local. Diz: - consigo cerca de 100 reais, em cada noite do fim de semana. E quando tenho tempo também curto à noite. Aqui é muito bom pra conhecer novas pessoas.

Mas nem todos estão satisfeitos com as consequências da boêmia no lugar. Muitos, até mesmo que nunca frequentaram julgam o point como um lugar de bagunça e prostituição devido a presença de um público GLS que a frequenta. Sendo que a Rua da Lama tem diversas opções para o gosto de cada pessoa.

¹¹ Trechos retirados dos blogs *Lama, o espaço preferido dos capixabas* e Daniel Santos. Disponíveis em: <<https://ruadalama.wordpress.com/2011/06/05/no-rj-tambem-tem-uma-2/>> e <<http://danielsantos087.blogspot.com.br/>>

O segundo trecho faz referência a *Lama de Nova Iguaçu* a partir de Vitória, no Espírito Santo, onde também existe uma famosíssima *Rua da Lama*. O público que frequenta a Rua de Vitória é predominantemente composto de universitários, mas que estão em busca do mesmo sentido de pertença. Diferentemente da *Rua da Lama* de Nova Iguaçu, a de Vitória foi e é estudada: em 2010 a cineasta Úrsula Dart lançou o documentário “Uma volta na Lama”, numa busca de retratar a memória da região, a modificação das paisagens e comportamentos do local.

Não é só em Vitória que temos a Lama. Descobrimos uma outra Lama que existe em Nova Iguaçu, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Assim como aqui, a Rua da Lama de lá também é a principal referência noturna de Nova Iguaçu. O nome não veio proveniente da quantidade de lama que tinha por lá antigamente, mas pelo estado que as pessoas acabam saindo de lá! Então, você já imagina, né?

É interessante perceber neste trecho a tentativa de explicação do nome Lama, uma vez que a imagem acionada pela palavra é a de sujeira, “estar na lama” no senso comum é estar por baixo, mas neste caso a lama tem outro sentido, o de lançar-se e esgotar-se no prazer da dança, da comilança e da bebedeira. Essa busca do sentir o outro, da corporeidade que desafia o saber racional que enquadra identidades em categorias sem corpo.

A primeira vez que fui à Lama

A primeira vez que se vai a um lugar com o intuito de observá-lo tudo parece diferente, o estranhamento é quase inevitável. Teoricamente a Rua da Lama tem uma localização oficial, está situada na Rua Cel. Francisco Soares, no bairro Califórnia em Nova Iguaçu, próximo à Via Dutra. Não há ônibus que passe no lugar, quem se aventura a andar do Centro de Nova Iguaçu para o famoso *point* passa por muitas ruas desertas, escuras e silenciosas. Passa-se pelo espaço da tribo do rock, um *pub* que promete no letreiro em sua fachada ser mais que isso, até avistar as luzes dos bares que estão não em uma rua, mas em um miolo, um centro com cinco pontos de chegada. Aos poucos, e a maioria depois de onze horas da noite, dos vários pontos vai chegando gente a pé, de van, moto, táxi e carro. As mesas dividem espaço com veículos que ficam sob a proteção de guardadores do local.

Em cada ponto de chegada há um bar, os cinco maiores ficam de esquina: *Fractal Music Beer*, *Churrasquinho do Jorge*, *Buteco do Portuga*, *Pão & Pizza* e *Rei da Picanha*. Tanto o Fractal quanto o Buteco tem sua estrutura um nível mais elevado da rua. O primeiro impressiona com seu jogo de luzes e design arrojado, da rua é possível ver o palco no qual se toca música ao vivo: MPB, samba, *pop music*... a noite inteira. Dos cinco, o *Buteco* é o menor, com aparência de lugar aconchegante, um cardápio que varia de petiscos a caldos, e na maioria das mesas uma caneca de chope ou uma cerveja *long neck*. Já o *Churrasquinho* e o *Rei da*

Picanha tomam a rua com suas mesas, no último rola de tudo quanto à música: MPB, sertanejo, pagode, forró... No *Churrasquinho* não rola som, mas é o que concentra a maior parte das pessoas no início da noite. *Pão & Pizza* é *point* do pagode, fica no nível da rua, mas é todo cercado com grades (ver fig.1).



Figura 1: Rua da Lama antes da meia-noite
 Fonte: Natália Rocha

Além destes bares que ficam no centro, é possível avistar nas ruas laterais bares menores com nomes sugestivos como *Escritório do Dutra*, há bares com mesa de bilhar, videokê, som e gente animada. Ao dos bares também há carrocinhas que vendem lanches e duas casas de show, o *Sheik Bar Nigth Club* e *Aruba'r* e uma boate GLS, a *Open Bar Site Club* (ver figs. 2e3). A duas primeiras possuem uma programação que inclui pagode, funk e dancing. São espaços mais reservados, mas cuja música se mistura com as dos demais bares. De fato, após a meia noite, no centro do local não é possível distinguir músicas, houve-se uma infinidade de sons misturados: pagode, funk, MPB, forró, falação, motores e buzinas... Mas se para os moradores o barulho é um incômodo, conforme depoimento acima, para os que estão em busca de lazer em grupo ele é parte da celebração. O envolvimento com o lugar pode ser sentido através de depoimentos de frequentadores do lugar, o trecho que segue foi retirado de uma página da internet com mais de 35 mil visualizações, feita especialmente para *Sheik Bar*.

Eu, Julio Ramalho, tive a oportunidade de conhecer o Sheik Bar, que esta dando uma visão diferente da Baixada (Nova Iguaçu), localizado na Rua da Lama, o Sheik Bar é um diferencial no segmento “dancing”. DJ Peter coloca todo mundo para se mexer, com um som muito bom, um mix de funk até o pop, hot pop e outros, ao som do DJ ninguém consegue ficar, (inclusive que está escrevendo). Com uma frequência de pessoas bonitas, o Sheik bar, tem como objetivo principal dar segurança e atendimento “VIP” a seus clientes, onde a gente percebe que, as pessoas ficam bem a vontade, ou seja, um lugar muito bom para você se divertir esquecer os problemas, dançando, paquerado e acima de tudo sabendo que você está um ambiente seguro.

As portas das duas casas de show concentram a galera mais jovem, com toda a sensualidade aliada à juventude expressa nas roupas que permitem a exibição de seus corpos. Sensualidade gravada nos folhetos de divulgação dos shows, que enfatizam a mistura bebida e mulheres seminuas. Nos demais bares o que se observa é a predominância de casais, mas também há grupos de amigos todas as idades, e dificilmente alguém fica sozinho. De um modo

geral, as pessoas vão ao local trajando roupas casuais, jeans e malha, algumas passam a impressão de que se arrumaram para sair de casa, com um *look* mais apurado, e outras aparentam estar no quintal casa. Embora a sensação de estar no quintal ou no portão da casa (hábito comum na Baixada) comendo, bebendo e conversando com amigos é forte quando se está sentado num dos bares à beira da rua. Os baldes de cerveja e o churrasco dominam o lugar, mesmo nos lugares que anunciam a venda de massa como o *Pão & Pizza*. Enquanto se come passam pessoas vendendo flores, amendoim, carrinhos, e até mesmo carrancas de madeira... Lembrando o interior do Japeri¹².



Figura 2: Folheto da Casa de Show Aruba'r
 Fonte: Facebook



Figura 3: Folheto da Boate Open Site Club
 Fonte: Facebook

A primeira vista, a Rua da Lama parece uma grande confusão, um lugar de mistura, talvez por isso alguns a considerem o lugar da ralé, do povão. Talvez seja o lugar do “sujeito social da não-sentença” do qual Bhabha (1998) escreveu, aludindo ao devaneio

¹² Ramal de trem da Supervia, no Rio de Janeiro, que transporta trabalhadores da Baixada para o Centro e outros locais de trabalho e comércio, em cujo interior é possível encontrar diversos ambulantes, vendendo uma variedade de coisas: comida, utensílios para o lar, bijuterias, *gadgets*, etc...

semiológico de Barthes. Sujeito que rompe com a continuidade e com as polaridades, que opera com o imprevisível, com o indeterminado. Essa bagunça aparente é um lugar de negociação das identidades. É um lugar de festa, e como bem lembra Miguez (2012, p.206), a festa como a língua e a religião são fundamentais para a compreensão da cultura, pois “a festa é a melhor tradução do que somos como povo e como cultura”. Conforme ressalta o autor, é pela festa que os escravos renovavam suas forças, reinventavam identidades e resistiam. E é pela festa que se torna possível descobrir não uma “nova classe média brasileira”, mas pessoas das quais muito se fala e pouco se conhece.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. In: **TED**. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html.> Acessado em: 10 de novembro de 2012.

A NOVA CLASSE MÉDIA. **Jornal da Record**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/economia/noticias/veja-a-serie-sobre-a-nova-classe-media-brasileira-20100911.html>> Acessado em: 02 de outubro de 2011.

AGUIAR, Neuma. **Hierarquias em Classe**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

ALVES, José Cláudio Souza. “Baixada Fluminense: o código genético social de uma periferia”. **Revista FEUDUC/CEPEA/PIBIC**, agosto de 1999, nº 1.

ALVES, José Cláudio Souza. **Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, APPH-CLIO, 2003.

ARUBA'R. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/arubarfunpage?rf=151080541707506> . Acessado em: 30 de junho de 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BARBOSA, Livia. Cultura e Dilema: Ambiguidade, Ética e Jeitinho. In: ROCHA, Everardo (Org.). **Cultura & Imaginário: interpretações de filmes e pesquisa de ideias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985

BOATE SITE CLUB. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/boatesiteclub/photos/a.460767293939303.123502.456732734342759/1126863403996352/?type=1&theater>. Acessado em: 30 de junho de 2015.

DART, Úrsula. Uma volta na Lama. **Documentário**. Disponível em: <https://ruadalama.wordpress.com/tag/rua-da-lama/> Acessado em 30 de junho de 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

ENNE, Ana Lucia Silva. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. **Ciberlegenda – Universidade Federal Fluminense**. Rio de Janeiro, N14, 2004.

FGV- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de políticas Sociais. Disponível em: <<http://cps.fgv.br/>>. Acessado em: 14 de agosto de 2010

FERNANDES, Cíntia S. Territorialidades cariocas: cultura de rua, sociabilidade e música nas "ruas galerias" do Rio de Janeiro. In: **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em Cena**. Guararema, SP : Anadarco, 2012.

_____. Raison sensible, expérience sensible: la Galerie du Rock comme un espace de sociabilité. **SOCIÉTÉS**. Science & Motricité (Belgique. Imprimé). , v.109, p.63 - 76, 2010.

_____. Co(rpo)minicabilidade e sociabilidade : a imagem e a estética como vetores de comunicação-comunhão. IV **ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador, BA, 28 a 30 de maio de 2008.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. Ebook (gratuito), São Paulo: INTERCOM, 2014. Disponível em:<<<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/f1c7226546b1dadd519109a7319a6c55.pdf>>> Acessado em 30 de junho de 2015.

_____; FERNANDES, Cintia S. Potencial movente do espetáculo, da música e da espacialidade no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Ana P. G.; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (orgs.) **Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Anadarco, 2012a

LAMA, o espaço preferido dos capixabas. **Wordpress**. Disponível em: <https://ruadalama.wordpress.com/2011/06/05/no-rj-tambem-tem-uma-2/> Acessado em 30 de junho de 2015.

LANDOWSKI, Eric. Les interactions risquées. **Nouveaux Actes Semiotiques**. Pulim: Limoges, 2005.

_____. **Passion sans nom**. Paris PUF, 2004.

_____. **Presenças do Outro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Porto alegre: Sulina, 2007

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAIA, João. Michel Maffesoli e a cidade partilhada. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 26, PP77-85. Abril de 2005

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Ofício de Cartógrafo: travessas latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

MIGUEZ, Paulo César. A festa: inflexões e desafios contemporâneos. In: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja. **Estudos da Festa**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 205-216.

MILLER, Daniel. A pobreza da moralidade. In.: **Antropolítica: Revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. N.17. P.21-43. 2. sem.de 2004

ROCHA, Natália de Andrade. **Ser ou não ser: nova classe média, consumo e comunicação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUC-Rio / CCS, 2013.

ROCHA, Everardo. **Jogo de espelhos: ensaios de cultura brasileira**. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RUA DA LAMA. **Facebook**. Disponível em: https://www.facebook.com/pages/Rua-Da-Lama/107578152746152?_mref=message_bubble Acessado em: 30 de junho de 2015.

RUA DA LAMA. **Foursquare**. Disponível em: <https://pt.foursquare.com/v/rua-da-lama/4ccf805348b837046f88ecde?#tasteId=53a34a11498e8547c40cc4a6> Acessado em: 30 de junho de 2015.

RUA DA LAMA. **Google Maps**. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/search/rua+da+lama+nova+igua%C3%A7u/@-22.7547554,-43.4363343,18z>. Acessado em: 30 de junho de 2015.

RUA DA LAMA. **Kekanto**. Disponível em: <http://kekanto.com.br/biz/rua-da-lama> Acessado em: 30 de junho de 2015.

SANTOS, Daniel. A Boêmia da Baixada. **Blogspot**. *Post* de 25/05/2008. Disponível em: <http://danielsantos087.blogspot.com.br/> Acessado em 30 de junho de 2015.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SÁ, Simone P. de. “Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade”. In GOMES, Itania M; JANOTTI, Jeder Jr. (orgs). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.

SIMMEL, G. Pont et Port. **Cahier de l’Herne**. Paris: Ed. de l’Herne, n° 45 ,1983.

SOUZA, Amaury, LAMOUNIER, Bolívar. **A Classe Média Brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

TACUSSEL, Patrick. “À altura do cotidiano – a propósito da obra de Michel Maffesoli”. In **Notes sur la postmodernité: Le lien fait lien**, Paris: Editions du Felin/Institu du Mond Arabe, 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. **The poverty of theory and other essays**. London: Merlin, 1978.